



EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE NO CONTEXTO RORAIMENSE

EDUCATION AND INTERCULTURALITY IN THE RORAIMENSE CONTEXT

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v15i3.1063>

*Silvana Mara Carvalho Moura - Universidade Estadual de Roraima/UERR (<https://orcid.org/0000-0001-6231-5495>)
Alessandra Santos - Universidade Estadual de Roraima/UERR(profalessandradess@gmail.com)
Jairzinho Rabelo - Universidade Estadual de Roraima/UERR (<https://orcid.org/0000-0002-5977-1948>)*

Resumo: A proposta de discussão sobre a relação entre a educação e a interculturalidade se justifica pelo próprio contexto em que o estado de Roraima se encontra, imbricado entre duas fronteiras. O intuito principal é analisar as possibilidades de construção de uma proposta pedagógica para o trabalho educação intercultural nas escolas de Roraima, a partir das perspectivas histórica e cultural. A pesquisa resulta de um levantamento bibliográfico acerca da temática e análise de alguns pontos do DCR e de dados da SEED. Os resultados indicam a falta de uma política de formação continuada para a educação intercultural e a necessidade de uma proposta governamental que contribua para a atuação dos professores em cada uma das escolas do nosso estado. Deste modo, os professores ficam à mercê de sua criatividade para atuar e atender a todos os seus alunos.

Palavras-chave: Educação Intercultural. Interculturalidade. Formação Continuada. Prática Docente.

Abstract: The proposed discussion on the relationship between education and interculturality is justified by the very context in which the state of Roraima finds itself, imbricated between two borders. The main aim is to analyze the possibilities of building a pedagogical proposal for intercultural education work in schools in Roraima, from the historical and cultural perspectives. The research results from a bibliographic survey on the subject and analysis of some points of the DCR and data from SEED. The results indicate the lack of a continuing education policy for intercultural education and the need for a government proposal that contributes to the performance of teachers in each of the schools in our state. In this way, teachers are at the mercy of their creativity to act and serve all their students.

Keywords: Intercultural Education. Interculturality. Continuing Training. Teaching Practice.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a educação e a interculturalidade no contexto roraimense, com o objetivo de analisar as possibilidades de construção de uma proposta pedagógica para o trabalho educação intercultural nas escolas de Roraima, a partir das perspectivas histórica e cultural. Para tanto, há a compreensão do contexto histórico e intercultural vivenciado em Roraima e seus reflexos no cotidiano das escolas, como também da identificação dos elementos para construção de uma proposta pedagógica diferenciada que sirva para todos, trabalhando a igualdade com equidade, respeitando as diferenças e garantindo o acesso igualitário ao conhecimento.

A pesquisa resulta de um levantamento bibliográfico acerca da temática e análise de alguns pontos do DCR e de dados da SEED. Além disso, são feitas reflexões realizadas acerca da educação e da interculturalidade, em razão de ser uma necessidade dentro do contexto educacional do nosso estado. Nesse sentido, observamos a relevância e a urgência da formação continuada dos profissionais da educação, situação que está diretamente ligada as possibilidades de qualificar e ressignificar os processos educativos. O autor Hoffmann (2008, p. 29), cita que “[...] não há mudança sem sofrimento da transição, do próprio esforço implicado que exige, muitas vezes, renúncia, disciplina, dedicação”. Assim, olhar para as práticas pedagógicas na perspectiva da educação intercultural é uma das principais justificativas de execução desta pesquisa.

Há alguns anos trabalhar a educação na perspectiva intercultural é uma necessidade e um desafio para os professores de Roraima. A prática pedagógica deve ser diferenciada e considerar o nosso contexto multicultural, mas não disponibilizamos de formação adequada de modo que envolva e integre seus conhecimentos no contexto escolar nessa direção. Entretanto, torna-se fundamental a qualificação e ressignificação dos processos educativos.

A atualização dos estudos acerca da interculturalidade no ambiente escolar deve fazer parte da realidade das escolas e das práticas docentes. Isto porque, o cenário cultural e histórico está em constante mudança em nosso estado. Tal situação se

evidencia nas escolas de Roraima. São perceptíveis as dificuldades dos professores têm em lidar com situações que envolvam as relações interculturais, tanto por sua formação como por sua prática. Não é uma questão de encontrar culpados por esse cenário, mas de apontar caminhos para que esse problema seja solucionado.

A pesquisa se justifica pelo fato da função da escola não ser apenas a de transmitir determinado conhecimento, mas ela tem o papel de envolver com atitudes que favorecem a produção e a (re)significação dos saberes. Assim sendo, essas ações permitem o aprendizado dos diferentes sujeitos e sociedades que respeitem e valorizem as diversidades culturais. Com a abordagem do tema, percebe-se a necessidade de realizar reflexões e investigações, nas atuações das formações desses educadores como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, observando os conhecimentos teóricos e de práticas para que proporcionem e contribuam com ações e transformações na sociedade.

A EDUCAÇÃO E A INTERCULTURALIDADE NO CONTEXTO RORAIMENSE

A realidade é construída a partir do olhar do observador (MATURANA, 2006) e pela linguagem. Sabemos que há nesse contexto determinações histórica, social, política, ideológica e discursiva, de maneira que é impossível pensar a existência de uma única realidade, mas sim de realidades apreendidas a partir do olhar do observador. Aprender os conceitos de educação e interculturalidade é uma necessidade dos que estão envolvidos no contexto educacional de Roraima.

A interpenetração dos conceitos de educação e cultura é bastante visível e palpável na realidade educacional de Roraima, em razão disso, necessitamos compreender as suas relações intrínsecas. Pensar a educação na contemporaneidade demanda relacioná-la a(s) cultura(s), aos ambientes e espaços de cruzamentos de culturas e de vivências democráticas e solidárias no contexto sócio-histórico atual. Diante disso:

Não há educação que não esteja imersa nos processos culturais da sociedade, particularmente, do momento histórico e do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica ‘desculturalizada’, isto é,

em que nenhum traço cultural a configure (CANDAU, 2009, p.47).

O Documento Curricular de Roraima (DCR, 2019) aponta a necessidade de que sejam consideradas as questões regionais, quer dizer a realidade local não deve ser desprezada no momento de qualquer tipo planejamento em termos educacionais. Além disso, o destaque maior é justamente no que se refere às orientações didáticas/metodológicas, em vista delas servirem para o desenvolvimento da formação humana integral dos alunos da Educação Básica. Como vemos adiante:

A interculturalidade, no cotidiano escolar, precisa considerar a vida dos alunos, as contradições presentes em suas realidades, as relações entre as diferentes sociedades e conhecimentos, se mantendo integradas as suas raízes e, ao mesmo tempo, conectadas ao global, trabalhando com tudo que estas duas dimensões oferecem” (DCR 2019, p. 9).

O contexto intercultural do estado de Roraima está em seus documentos oficiais, mas precisa sair do âmbito burocrático e ir para a prática dos professores. Nesse sentido, é fundamental o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula, no entanto é necessária a orientação, a discussão e a formação continuada, seja por parte da SEED ou por ações específicas das escolas e dos próprios professores para que sejam feitas reflexões sobre a realidade educacional roraimense e que os planejamentos e práticas sejam feitos nessa direção. Conforme o DCR (p. 554) “a diversidade e a interculturalidade é uma marca da Amazônia e, que deve ser levado em consideração na hora de se pensar e repensar o “modelo de formação loco-regional.” Isso se comprova quando vemos os dados da SEED levantados para o Censo Escolar 2020 que apontam:

Quadro 1: Alunos estrangeiros matriculados na Rede Estadual de Ensino (2020).

Matrícula na Rede Pública Estadual de Ensino	77.412
Escolas da Rede pública estadual de ensino em Boa Vista	57
Matrícula na Rede pública estadual de ensino em Boa Vista	42.369
Matrícula de alunos estrangeiros na Rede pública estadual de ensino em Boa Vista	4.590
Nacionalidades encontradas na Rede pública estadual de ensino em Boa Vista	Peru, Venezuela, Haiti, EUA, Paraguai, Cuba, Guiana, Bolívia, Colômbia, Ilhas Wallis e Futuna, Suriname, Guiana Francesa, Vaticano, Vanuatu, Japão, Portugal, Austrália e Alemanha
Matrícula de alunos venezuelanos na Rede pública estadual de ensino em Boa Vista	4.526
Matrícula de alunos indígenas na Rede pública estadual de ensino em Boa Vista	

Fonte: SEED (2020).

Os dados foram levantados junto à Gerência de Avaliação e Informação educacional da Secretaria de Estado da Educação de Roraima, considerando

somente os dados de Boa Vista, em razão de ser o município mais populoso e a capital do estado, demonstram que os estrangeiros, de diversas nacionalidades como apontado no quadro 1, correspondem a diversas nacionalidades. Tal situação ocorre pela geográfica e política de Roraima, com sua fronteira internacional com dois países, Venezuela e Guiana. Verificamos que os estrangeiros correspondem a 10,83% do total de matrículas do sistema estadual no município de Boa Vista e que do total de estrangeiros 98,6% são venezuelanos.

Conforme posicionamento da SEED de não ter dados consolidados sobre os alunos indígenas, ao menos não nos foi repassado, verificamos que nos dados do Educacenso 2017 apontam a matrícula de 514 estudantes indígenas nas escolas da rede estadual de Boa Vista. Com isso, comprovamos a multiculturalidade que permeia o espaço escolar roraimense e, ao mesmo tempo, reforça a necessidade que temos de mais esclarecimentos acerca da educação intercultural.

Em se tratando das questões culturais dentro do contexto da educação intercultural Fleuri e Souza (2003, p. 65), discutem que “a relação entre educação e cultura(s) não pode mais se limitar ao âmbito dos conteúdos culturais, ou do currículo escolar”. Tal posicionamento leva em consideração as diferenças entre os sujeitos e a forma de negociação dessas diferenças. A escola em Roraima, em termos teóricos e práticos, precisa estar preparada para mediar e fortalecer as relações interculturais.

Candau (2007, p. 59), indica que “[...] a perspectiva da educação intercultural apresenta uma grande complexidade e nos convida a repensar diferentes aspectos e componentes da cultura escolar e o sistema de ensino como um todo [...]”. Apesar da complexidade de se pensar e agir interculturalmente, quando trabalhamos, especialmente voltados para o contexto de Roraima, na perspectiva da mudança nas práticas docentes, nas políticas educacionais e na formação dos professores.

A INTERCULTURALIDADE NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Para que a educação intercultural seja considerada é necessário o desenvolvimento de estratégias promotoras da construção de identidades particulares. Além disso, a escola precisa reconhecer as diferenças, ao mesmo tempo que sejam um

sustentáculo para essa relação, identidade e diferença. (FLEURI, 2003). Há a necessidade de uma base de formação multicultural de modo que seja possível atingir a interculturalidade. Diante desse contexto, os grupos minoritários devem ser considerados com suas expressões individuais sem, no entanto, perder sua identidade cultural, levando com isso a uma conciliação entre “unidade política com diversidade social” (NACIMENTO, 2014, p. 40).

Frisamos que a perspectiva do multiculturalismo necessita ser direcionada ao respeito às diferenças – projetando todos os sujeitos como dignos de direitos e de reconhecimento perante a sociedade. Em razão disso, o entendimento da interculturalidade se mostra expressamente no fato de que esta última compreensão percebe o indivíduo enquanto parte indissociável de um grupo possuidor de tradições seculares. Desse modo, seria indispensável que os indivíduos e grupos interagissem entre si, não apenas com a ideia norteadora do respeito, mas também do diálogo, do contato e da convivência.

[...] a educação intercultural surge como uma forma de promover a relação entre as pessoas enquanto membros de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente de modos muito variados, nas quais são sujeitos ativos. Apresenta-se como um processo complexo e multidimensional que envolve diferentes fatores, tais como, a pessoa, o grupo social, a língua, a religião, etc., não se limitando apenas ao reconhecimento, mas indo além deste, promovendo acima de tudo uma interação entre os sujeitos. Tal interação vai além da dimensão individual e de suas respectivas identidades culturais (NASCIMENTO, 2014, pp. 59-60).

Desse modo, não temos dúvidas de que a história deixada pelos indígenas pode ser um dos fundamentos básicos da interculturalidade. Assim, percebemos a contribuição proposta pode ser uma forma de introduzir perspectiva intercultural no âmbito das políticas para a educação. Permite o encontro da identidade com o conhecimento formal. Diante disso, Silva defende que

nesse sentido, a emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (SILVA, 2003, p. 11).

Nos dias atuais, falar sobre a educação intercultural é uma necessidade para a sociedade que

a cada dia envolve mais seu caráter multicultural, que citado por (CANDAU, 2011, p. 241), os “(...) diferentes grupos socioculturais conquistam maior presença nos cenários públicos(...)”, inserindo nesse contexto à escola. Ou seja, nessas escolas estão presentes debates sobre questões étnicas, raciais, gênero e etc., que afetam o cotidiano dessas instituições e o trabalho dos professores. Situação que não significa para (IMBERNÓN, 2004, p. 14), apenas a “[...] transmissão do conhecimento ou transformação do conhecimento comum [...]”. Por isso, se faz necessárias formações que capacitem o professor a desenvolver práticas de forma a atender as diversas culturas abrangendo o ambiente educacional.

É fundamental que se inicie no ambiente escolar, exposição sobre as práticas pedagógicas interculturais, e de espaços que integrem temas que contemplem preocupações, conflitos, buscas de argumentações relacionadas às diferenças culturais. Nesse intuito, Fleuri (2018, p. 37), destaca que “(...) O foco central da prática educativa deixa de ser a transmissão de uma cultura homogênea e coesa. A preocupação fundamental da educação passa a ser a elaboração da diversidade de modelos culturais que interagem na formação dos educandos.” Por isso, questões sobre noções da educação intercultural só é possível quando há comprometimento de práticas pedagógicas que valorize o diálogo entre as perspectivas culturais no processo educativo.

Percebe-se as mudanças da atuação das práticas pedagógicas dos professores na educação intercultural que deram um novo sentido para a escola, onde o professor desempenha de forma diversificada seu trabalho. No entanto, a interculturalidade na educação surge como desafios às propostas pedagógicas que buscam desenvolver e preservar as identidades culturais, objetivando propiciar a troca de experiências, e o enriquecimento mútuo. Sacavino (2012, p. 2) disserta que o principal ponto é “(...) a construção de uma perspectiva intercultural capaz de mobilizar práticas educativas que visem uma educação crítica tendo como horizonte a reinvenção da escola”. Nesse sentido, a escola apresenta como possibilidade de intervenção, o engajamento entre os diversos saberes.

Para que a escola seja capaz de reconhecer e trabalhar a interculturalidade é necessário que elas

trabalhem atividades de melhor compreensão das culturas na sociedade moderna. Além do mais, é preciso que seja ampliada a capacidade de comunicação entre as pessoas e suas culturas dentro do espaço escolar para que fuçamos das situações de racismo e preconceito. Para tanto, são necessárias atitudes mais adaptadas ao contexto da diversidade cultural e isso somente ocorrerá com a decisão política e educacional daqueles que fazem a educação acontecer, de maneira que seja possível a compreensão dos mecanismos psicossociais e dos fatores sócio-políticos capazes de produzir racismo.

Outro fator que precisa se desenvolvido é o aumento da capacidade de participação e interação social, de forma que sejam criados caminhos para o fortalecimento das identidades e de sentido de pertença comum à humanidade e que deve ser uma realidade nas escolas. Para Candau (2008, p. 22-23), a perspectiva intercultural apresenta as seguintes características:

- [promove deliberadamente] a inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade [...];

rompe com uma visão essencialista das culturas e das identidades culturais;

- [percebe] as identidades abertas, em construção permanente [hibridização cultural];
- [apresenta] consciência dos mecanismos de poder que permeiam as relações culturais;
- [articula] questões da diferença e da desigualdade [...] sem reduzir um polo ao outro.

As formas de abordagem da interculturalidade devem ser pensadas e/ou repensadas no contexto educacional roraimense. A partir das leituras realizadas e das vivências no contexto escolar de Roraima apontamos como urgente que a educação intercultural seja visibilizadas e haja transformações nos atores da educação de maneira que seja o combate aos estereótipos, a discussão dos preconceitos, o fomento à diversidade cultural e o conhecimento das identidades na escola.

Em se tratando dos indígenas nas escolas da capital a ODIC (2007, p. 38) reforça que “somente

assim combateremos o preconceito que as pessoas praticam dentro do sistema escolar. Precisamos buscar um diálogo intercultural verdadeiro.” Tal situação, tanto em relação aos indígenas, quanto aos estrangeiros, indica a necessidade de atenção dos órgãos educacionais. Assim, os professores precisam de formação continuada, de modo que seja possível um trabalho crítico, “consciente e responsável nos contextos interculturais e sociolinguísticos nos quais as escolas estão inseridas”.

Nesse sentido, Candau (2012, p. 02) afirma,

(...) é importante assinalar os altos índices de discriminação e preconceito nas escolas investigadas entre todos os atores e, além disso, o fato que considero de especial relevância para este trabalho, que as escolas nas quais os escores que expressam os níveis de preconceito e práticas discriminatórias apresentam valores mais elevados tendem a apresentar médias mais baixas na Prova Brasil. Esta realidade obriga a que, se quisermos potencializar os processos de aprendizagem escolar na perspectiva da garantia a todos/as do direito à educação, teremos de afirmar a urgência de se trabalhar as questões relativas ao reconhecimento e à valorização das diferenças culturais nos contextos escolares. Esta proposta supõe, na linha de pesquisa que venho desenvolvendo, incorporar a perspectiva intercultural nos diferentes âmbitos educativos. Esta preocupação não é algo secundário ou que se justapõe às finalidades básicas da escola, mas é inerente a elas.

Dessa forma, é necessária uma política pública dentro do contexto educacional roraimense que leve em consideração a realidade multicultural do nosso estado, de maneira que possibilite a construção de uma cultura escolar que favoreça o entendimento, beneficie o processo de ensino e aprendizagem de qualidade e o respeito à cultura de todos que fazem parte da escola sem reforços de estereótipos e preconceitos e com o respeito as diferentes culturas e identidades. As DCNEB nos indicam que

[...] a escola/rede de ensino pode e deve buscar o diferencial que atenda às necessidades e características sociais, culturais, econômicas e a diversidade e os variados interesses e expectativas dos estudantes, possibilitando formatos diversos na organização curricular do Ensino Médio (BRASIL, 2013, p.185).

São necessários processos de avaliação da escola e de seus componentes para que sejam estabelecidos ou reestabelecidos os ganhos com a comunicação eficiente e transformadora do espaço das unidades educacionais. Tal transformação deve

ocorrer desde o currículo posto em prática pela escola; o clima de sala de aula/escola de maneira que seja possível trabalhar a autonomia, a cooperação e a participação. Isto porque, a escola deve estar presente na comunidade e a comunidade deve ser parte dela.

A escola intercultural tem como características a priorização e o favorecimento do sucesso dos alunos; adota formas contundentes e explícitas de oposição ao racismo e a discriminação; tem uma gestão democrática na qual a comunidade é totalmente inserida nela; propõe estratégias em busca de autonomia; trabalha na direção da cooperação nas aprendizagens e na integração dos conhecimentos; está aberta a avaliações e autoavaliações constantes.

Em se tratando do professor que considera a interculturalidade em suas concepções e práticas é aquele que se avalia de forma sistemática em busca de melhoria na sua prática e no atendimento adequado aos seus alunos; conhece suas virtudes e fraquezas e consegue controlá-las sem ultrapassar limites e deixar lacunas em seu trabalho; tem consciência do seu estilo e da sua capacidade de comunicação; conhece e reflete sobre os conceitos necessários a uma prática intercultural: cultura, identidade, estereótipos e outros; coloca-se no lugar do outro, criando ambientes de desenvolvimento da empatia; busca pontos comuns entre sua atividade e a dos alunos; respeita o ritmo/estilo de aprendizagem de cada um dos seus alunos, trabalhando para que todos se sintam integrados e capazes de desenvolver suas atividades; encoraja o feedback e a participação de todos. Nessa direção, Freire (1996, p.52), “[...] o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que o professor, ao passo que ensina, também aprende em um encontro democrático e afetivo.”

As políticas educacionais são direcionadas para a formação continuada dos professores a luz da LDBEN/96, apontadas pelo DCR e BNCC voltada para a educação intercultural, ao considerarmos o contexto social, político e econômico em que vivemos é possível questionar alguns entraves, tais como: Quem serão os profissionais formadores dos professores? Como os cursos de formação estão organizados para contribuir para a interculturalidade, com a formação dos professores que atuam na educação básica? E, qual a significância dos assuntos que serão aplicados para o aprimoramento da prática

intercultural do professor?

Com isso, vamos na direção do que defendem Moreira e Câmara (2008), ao indicarem que há urgência de discussões sobre as formas de trabalho com as identidades e as diferenças na sala de aula. Para tanto, os autores indicam alguns procedimentos que podem contribuir não somente com as atividades do professores, mas também da própria escola em contextos interculturais: (a) procurar aumentar a consciência das situações de opressão que se expressam em diferentes espaços sociais; (b) propiciar ao estudante a aquisição de informações referentes a distintos tipos de discriminações e preconceitos; (c) estimular o desenvolvimento de uma imagem positiva dos grupos subalternizados; (d) favorecer a compreensão do significado e da construção de conceitos que têm sido empregados para dividir e discriminar indivíduos e grupos em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades; (e) facilitar ao estudante a compreensão e a crítica dos aspectos das identidades sociais estimulados pelos diferentes meio de comunicação; (f) propiciar ao aluno a possibilidade de novos posicionamentos e novas atitudes que venham a caracterizar propostas de ação e intervenção; (g) articular as diferenças (Moreira; Câmara, 2008, p. 47-55).

As práticas sociais e interculturais, no Ensino Fundamental, presentes na construção de repertórios linguístico e cultural, são trabalhadas, por meio dos eixos organizadores de conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural e, também, os eixos oralidade, leitura e escrita (BRASIL, 2018, p. 243-247). Já no que se refere ao Ensino Médio, a consolidação destas aprendizagens essenciais deve ampliar o autoconhecimento e o conhecimento de mundo do estudante, de modo que esta reflexão dê espaço para uma visão coletiva, promovendo a problematização sobre possibilidades de participação e de intervenção no mundo, bem como na ampliação de suas “perspectivas em relação a sua vida pessoal e profissional” (BRASIL, 2018, p.484).

Portanto, a importância da didática intercultural no processo de ensino e aprendizagem, contribui com a clareza de ideias, acompanhada da necessidade de socialização com os diversos personagens na escola, não como meio de melhorar o ensino e aprendizagem, mas com a valorização da

diversidade cultural. Conforme afirmam Sá e Cortez (2012, p. 2), “o entendimento e discussão de saberes multi/interculturais ao cotidiano educativo faz-se indispensável e coloca-se como um dos desafios contemporâneos ao trabalho docente”. Logo, a educação intercultural deve ser vista como uma prática social relacionada profundamente com as diferentes dinâmicas da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas de um modo geral e principalmente aquelas do contexto roraimense não devem esquecer que as pessoas são diferentes e interdependentes. Além disso, suas culturas são condições básicas da sua existência. Para tanto, devem lançar olhares para a condição de existência das pessoas e da sociedade. Com isso, observamos que as sociedades não se tornam viáveis caso não assumam a sua complexidade e a identidade (pessoal, social) de forma múltipla, partilhada e em constante transformação.

A educação intercultural é complexa e nos remete ao pensar e repensar acerca da diversidade cultural que rodeia o espaço escolar e o próprio sistema de ensino. No entanto, o enfrentamento dos desafios nessa perspectiva cria possibilidades, tanto a instituição escolar, como o sistema geral de ensino, de maneira que poderão contribuir no fortalecimento do trabalho do professor, viabilizando o processo de construção do ensino e aprendizagem do nosso aluno do conhecimento multicultural à interculturalidade em suas práticas cotidianas. Os professores ficam “à deriva”, pois não tem formações adequadas para tratar com a nossa realidade multicultural e não há uma proposta governamental para uma proposta pedagógica diferenciada para o trabalho com as diferenças culturais no âmbito escolar.

Portanto, diante das discussões apresentadas, o professor precisa pensar e agir interculturalmente, a escola precisa transformar seu espaço, respeitando as questões interculturais e sociedade deve conhecer e respeitar as interculturalidades. Desse modo, o docente necessita de formação continuada, visto ser de fundamental importância preparar esse docente para trabalhar com a diversidade cultural com uma escola diversa, estando esse profissional preparado tanto emocional como cognitivamente para realizar seu trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 09 jun 2021.
- CANDAU, V. M. F. Interculturalidade e educação escolar. (Org). Reinventar a escola. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 13-37.
- CANDAU, Vera Maria. Educação Cultural na América Latina: tensões atuais. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA (CIHELA), 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: <Disponível em: http://www.gecec.pro.br/downloads/03_Edu_Intercultural_na_AL.pdf>. Acesso em: jun. 2021.
- CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- CANDAU, V. M. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. Educação & Sociedade, Campinas, SP, 2012.
- FLEURI, R.M E SOUZA, M. I. P. de. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: Educação Intercultural: mediações necessárias; FLEURI, R.M. (Org). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.
- Freire, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e

Terra,1996.

HOFFMANN, J. Avaliar: respeitar primeiro educar depois. Porto Alegre: Mediação, 2008.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se pra a mudança e a incerteza. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MATURANA, H. Biologia do conhecer e epistemologia. In: MATURANA, H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.19-124.

MOREIRA, Antonio Flavio; CÂMARA, Michelle Januário. Reflexões sobre Currículo e Identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes , 2008. P. 13-37.

NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do. Interculturalidade e educação escolar indígena em Roraima: da normatização à pratica cotidiana. 2014. 264 p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

RORAIMA, Documento Curricular de Roraima (DCR). Secretaria de Estado da Educação, Roraima, 2019.

SACAVINO, S. Interculturalidade e educação: desafios para a reinvenção da escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., Campinas, 2012, p. 1-13.

SÁ, M. J. R. de; CORTEZ, D. de S. Desafios contemporâneos ao trabalho docente: mediações de saberes multi/interculturais no cotidiano educativo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO COMPARADA, 5., 2012. Anais... Belém do Pará, 2012. Disponível em: <http://www.sbec.org.br/evt_2012.php>.